

A arquitetura da dominação

José Carlos Calich¹, Porto Alegre

Freud, em O mal-estar da civilização, identificou o sofrimento do indivíduo por estar inserido em um processo civilizatório que inibia e limitava sua expressão pulsional. A virada de 1920 introduziu o tema do desamparo, da centralidade do masoquismo e da pulsão de morte, levando-o a acrescentar o papel protetor da civilização em relação à destrutividade do ser humano para si mesmo e para os outros, alterando a noção do mal-estar. Os desenvolvimentos pós-freudianos foram acrescentando novos elementos, expandindo as possibilidades de compreensão da relação do sujeito com a cultura e os sofrimentos daí advindos. As mudanças decorrentes da organização sociocultural surgidas com a modernidade, principalmente os novos modos de subjetivação e as estratégias de marketing totalizante e criador de desejos, e com a pós-modernidade, a partir de uma cultura do narcisismo e de uma linguagem alienante, introduziram componentes inesperados ao mal-estar. O objetivo do presente trabalho é comentar essa evolução do mal-estar, introduzindo a ideia de um recurso à pulsão de dominação como estratégia narcísica de sobrevivência no contexto referido.

Palavras-chaves: O mal-estar na civilização; Laplanche; Pseudoinconsciente do mito-simbólico; Subjetivação; Desamparo

¹ Médico psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

José Carlos Calich

O artigo de Freud, *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/ 1996), tem como princípio organizador a tensão entre o mundo interior do homem e a organização social que o circunda. Em 1908, em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (Freud, 1908/1976), já apontava que, para a adaptação do homem à cultura, era necessário haver limitação e inibição da vida pulsional, levando àquilo que ele define posteriormente como o constante mal-estar do indivíduo no processo de aculturação. Desde então, o tema tem sido amplamente discutido e atualizado em reflexões psicanalíticas e não psicanalíticas, dado o seu permanente impacto na expressão singular do ser humano e nos seus processos psicopatológicos. A cada alteração dos modelos de concepção do mundo interno e a cada modificação na organização dos processos culturais e, portanto, civilizatórios, surgem novas reflexões sobre o *mal-estar*.

A primeira indagação que se impõe é se podemos falar de *novos mal-estares*. Essa é uma pergunta que demanda uma resposta complexa, pois envolve pensar em como entendemos a relação entre os modelos da mente e como compreendemos a evolução das organizações culturais e seu impacto no processo civilizatório. Se tivermos a ideia de que os modelos psicanalíticos da mente são complementares, iniciando por essa parcialidade, nossa tendência será compreender que cada modelo introduz um novo viés ao *mal-estar* em um movimento de sobreposições. No entanto, se considerarmos que os modelos psicanalíticos da mente são pontos de observação diversos do objeto psicanalítico, a tendência será concebermos formas diferentes de *mal-estar* para cada modelo.

Se tomarmos como base as alterações culturais e a ampla discussão sobre processos civilizatórios, o número de variáveis se multiplica e a tendência é de fragmentação da concepção de *mal-estar* frente às inúmeras particularidades culturais levadas em conta. A problemática é tamanha que, por exemplo, costumam-se chamar de “sociedades primitivas” aquelas em que não existia, em seu processo de aculturação, uma tendência ao pensamento diversificado, uma força em direção à heterogeneização (Spencer, 1876), com o domínio do pensamento totalitário. Segundo esse conceito, estaríamos no momento atual indo em direção à civilização ou à anti-civilização? Isso teria quais consequências no *mal-estar* entre a cultura e o indivíduo?

O objetivo desse trabalho é apresentar resumidamente algumas das alterações da concepção de *mal-estar* nos dois diferentes modelos psicanalíticos da mente em Freud e traçar uma reflexão sobre os possíveis “novos” mal-estares na contemporaneidade, tendo presente que qualquer visão de movimentos culturais é necessariamente fragmentada. Essa fragmentação é consequência da impossibilidade

de apreensão do todo de uma realidade cultural, assim como da parcialidade e contraposição dos discursos que a acompanham e representam. Referida visão serve de alerta também à própria psicanálise, que, por sua epistemologia antidogmática, pós-empirista, participativa, não-objetivante (Canestri, 2004), só pode ser compreendida dentro de modelos temporários, tanto em sua clínica quanto em sua teorização, ambos indissociáveis. Portanto, constituem apreensões fragmentadas, sempre em movimento e em contínua atualização. Concluo o trabalho com uma reflexão sobre um possível predomínio, no momento presente, do componente de dominação da pulsão sobre o componente sexual, plausível resultado de um dos atuais movimentos culturais e, possivelmente, um *novo mal-estar*.

Início com algumas reflexões sobre as diferenças de modelo de mente em Freud em 1908 e em 1930, especificamente no que diz respeito à relação do indivíduo com a cultura.

Como mencionei no início do artigo, a reflexão de Freud em 1908 centrava-se na necessidade de limitar e inibir a vida pulsional para poder inserir-se no mundo cultural. Sua atenção estava mais voltada à sexualidade e, secundariamente, à agressão. Freud apresenta a ideia de que haveria uma tendência inicial de submissão do indivíduo à cultura (as leis que constituem o código de conduta são exteriores e impostas ao sujeito em *civilizações* demasiadamente repressivas), mas, em seguida, surgiria a disposição a um equilíbrio natural entre os registros do desenvolvimento do indivíduo e os da vida social. Existiria uma propensão à harmonia determinada pela própria natureza do homem, que utilizaria a racionalidade e o pensamento científico para absorver e incorporar os elementos culturais em equilíbrio com sua vida pulsional, até então parcialmente limitada.

Freud alterou a sua reflexão a respeito do *mal-estar* no texto de 1930, influenciado pelas ideias desenvolvidas a partir de 1920, principalmente a do papel central do masoquismo e da pulsão de morte (e sua deflexão, a destrutividade). Neste ensaio, chama a atenção de que o homem não é um ser dócil que ataca ao ser atacado, mas um ser com um significativo *quantum* de agressão instintual, concluindo que *o homem é o lobo do homem*². A compreensão da presença do sentimento de *desamparo* frente à incompletude e à pulsão destrutiva o fez considerar a cultura como um protetor do indivíduo de si mesmo e dos outros. *A contenção* oferecida pela cultura às tendências destrutivas humanas transformava-a em um recurso, ainda que fosse *uma fina camada*, contra a angústia de aniquilamento. Menciona que alguns poucos teriam a capacidade de inibir seus impulsos antissociais sem se decepcionar e outros poucos seriam capazes de utilizar a sublimação como

² Fazendo referência a uma frase do dramaturgo romano Titus Maccius Plautus (254-184 a.C.) difundida pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1651/2020).

José Carlos Calich

atenuador das pulsões em benefício de ações a favor da sociedade. Entretanto, a maioria teria de utilizar a repressão, aguardando o retorno do reprimido na neurose, e este seria o preço a pagar pelo ordenamento civilizatório. Nesse segundo modelo, não há possibilidade de harmonia, mas de um equilíbrio instável. Segundo Birman (2005), “o sujeito é obrigado a realizar a gestão do conflito nos campos político e social” (p. 218), cuja regulação e modulação constantes seriam função da interação contínua com os laços sociais. De acordo com este novo contexto, e em oposição ao anterior, tanto indivíduo como sociedade são vistos como sistemas abertos, complexos, em influência mútua constante, ou seja, sistemas reciprocamente constituídos e em continuado processo de transformação.

Essa mudança de concepção do aparelho mental introduz uma variável extremamente significativa para a atual reflexão. A partir da noção de um sistema aberto com influência recíproca do exterior, a possibilidade de que a criação do sujeito psíquico não seja mais a de uma constituição linear, e que cada ser humano tenha uma subjetivação distinta, acaba se impondo e passa a influenciar progressivamente os modelos pós-freudianos. É uma discussão aberta sobre quais são as invariantes nesses processos únicos de criação do psiquismo e, principalmente, o que as determinam, porém tal assunto está além do escopo do presente artigo.

Essa noção de subjetivação singular com invariantes indeterminadas tem uma consequência direta sobre a ideia de mal-estar. Se a primeira pergunta era se poderíamos falar de novos “mal-estares”, a nova pergunta seria sobre a possibilidade de falarmos de “mal-estares” universais (referidos às invariantes) ou se estes devem também ser particularizados, referindo-nos as unicidades do psiquismo.

Para ir adiante nessa questão, é preciso recorrer a algumas considerações históricas, tomando como base a reflexão que fiz em março de 2019, em trabalho apresentado à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Calich, 2019). Naquele trabalho, destaquei que a noção de indivíduo marca o final da Idade Média, conduz a humanidade ao Iluminismo, posteriormente à modernidade e, em nossa contemporaneidade, à chamada pós-modernidade. Na mesma oportunidade, apresentei a noção de *pseudoinconsciente do mito-simbólico* de Jean Laplanche e a sua relação com a constituição do psiquismo, que apresentarei aqui de forma bastante sintética.

Laplanche centra seu modelo no originário do psiquismo, dizendo que este é criado em uma *Situação antropológica fundamental* (Laplanche, 2003), composta pela criança desde o seu nascimento, desprovida de psiquismo, e pelos adultos à sua volta, com a história de sua sexualidade infantil e dos seus desejos sexuais,

ambos imersos em um mundo cultural constituído de estruturas mito-simbólicas e de uma atividade tradutiva, que, do meu ponto de vista, teria origem inata, biológica, ligada à evolução da espécie. Nesse contexto, segundo Laplanche, o pequeno ser humano, como ele o chama, desperta desejos ligados à sexualidade infantil do adulto. Ao receber as manifestações destes desejos, tem seu mundo pessoal perturbado pela presença da sexualidade, porque não tem códigos naturais para a sua tradução. Estimula, então, a sua atividade tradutiva, cujo objetivo é criar códigos ou “neocódigos” capazes de contrabalançar a falta dessas chaves naturais de tradução para a mensagem sexual. A mensagem sem forma e conteúdo identificáveis será *formada* ou *transformada* com o auxílio dos elementos à disposição do pequeno ser humano na *Situação antropológica fundamental*. Suponha que este último seja constituído pelos *infans* e pelos adultos ao seu redor, inseridos em seu mundo cultural. Nesse caso, contamos com a possibilidade de participação dos recursos mentais primários da criança (aí inclusas as suas emoções elementares, em interação com os sentimentos dos adultos decorrentes do apego) e o subsídio possibilitado pelos elementos culturais transmitidos à criança pelos adultos.

Laplanche denomina esse repositório coletivo de elementos culturais como *pseudoinconsciente do mito-simbólico*. “Pseudoinconsciente”, diz ele, porque é um lugar além do indivíduo, não formado por tradução e repressão. Portanto, não é um verdadeiro inconsciente dinâmico, possuindo apenas características de um inconsciente descritivo, como o conteúdo oculto de um texto, que não é visível e pode necessitar de um *trabalho interpretativo* para que isto aconteça, mas não resultante da repressão, e sem mobilizar resistências para a sua explicitação (*Auslegung*) (exceto aquelas que interagem com o inconsciente reprimido individual, devido a este último) (Laplanche, 2003).

Seus elementos constituintes são basicamente a interação entre os mitos, com suas estruturas linguísticas, oriundos da família, do grupo, da história mitológica regional ou do acúmulo mitológico da Cultura ao longo das gerações. “O mito age propondo um código, ou talvez uma pluralidade de códigos” (Laplanche, 2003, p. 414). Além do conteúdo, e mais importante, ao oferecer um código, os mitos fornecem elementos estruturais para a atividade de tradução da mensagem enigmática (Laplanche, 2003, 2006).

Ao fornecer subsídios à tradução, podem auxiliar ou desorganizar o processo de metabolização. A atividade tradutiva criará uma *tensão significativa*³ entre a mensagem enigmática, as emoções elementares e a interação entre os mitos, “escolhidos” entre os disponíveis devido à limitação imposta pela “frase”

³ Expressão que tomo emprestado da linguística ao se referir à produção de significado em uma metáfora.

José Carlos Calich

enigmática. Essa tensão significativa, assim como ocorre em uma metáfora linguística, vai criar um sentido próprio do *infans* para a mensagem, restaurando momentaneamente o equilíbrio do sistema e também demarcando o início do psiquismo.

Existem vários efeitos dessa atividade constante de tradução. A criação de uma visão pessoal do mundo (interno e externo) é permitida pela pluralidade de significados internos que são a base para significar novas experiências. Uma noção de ocupação de um espaço individual de existência (de ser) e um *saber de si*, algo que, para outros autores, adquire o nome de subjetivação e subjetividade e, nessa trajetória, torna-se a base para a diferenciação *Eu-não Eu*.

O modelo de Laplanche em relação ao mito-simbólico permite que tenhamos um detalhamento psicanalítico da interação entre a cultura e o psiquismo individual, indo além da ideia de que a cultura “impõe” padrões sociológicos ao indivíduo. Se o indivíduo tiver seu mundo psíquico em expansão e complexificação de significados singulares, progressivamente o conteúdo do mito será transformado e integrado à sua personalidade.

No trabalho apresentado em 2019 (Calich, 2019), expus que, simultaneamente à noção de indivíduo construída pela humanidade ao final da Idade Média, novas estruturas mitológicas passaram a ocupar o padrão cultural de então. Destaquei o papel do mito da *liberdade absoluta*, que inicia singelamente com a ideia de que o homem deveria libertar a sua mente do domínio da religião e dos senhores feudais, e acaba evoluindo para a libertação das forças da natureza, o domínio da natureza através do método e da racionalidade.

No princípio do século XX, a questão da *liberdade individual* foi sofrendo novas e importantes alterações que se ampliaram ao longo do século. Foram introduzidos conceitos como o de hipercomplexidade, caos, relatividade e o princípio da incerteza (primeiramente na física, mas logo alaistrados a todas as áreas do saber), dentre outros, que romperam com os paradigmas da construção do conhecimento, trazendo o abalo de certezas universais estruturantes e afetando a noção de verdade.

Ocorreu, naquele momento, uma revolução epistemológica, quando novos vieses de observação determinaram a perda da universalidade das teorias, com a importância crescente da individualidade, da subjetividade, da participação do observador, da intersubjetividade, da complexidade, da interpretação como instrumento de apreensão da realidade, da intuição, e, como já dito, o “fim das certezas” (Prigogine, 1996), o que alterou significativamente a visão de mundo de grande parte dos pensadores nos diversos ramos do saber e da qual Freud foi um dos precursores.

Este movimento foi sintetizado por Joseph Ford (citado por Gleick, 1987) na seguinte frase: “A relatividade eliminou a ilusão newtoniana sobre o espaço e o tempo absolutos; a teoria quântica eliminou o sonho newtoniano de um processo controlável de mensuração; e o caos eliminou a fantasia laplaciana de previsibilidade determinista” (p.5).

A globalização, a progressiva facilidade de comunicação, o deslocamento rápido e contínuo através da facilitação dos transportes e a evolução das estratégias de *marketing* (de comunicação em massa) auxiliaram a criar um novo mito. Ele incluía a ideia de que a simplicidade do mundo nos tinha sido subtraída, que a noção de certezas e mesmo de verdades havia desaparecido e que, portanto, a ilusão de segurança com as estruturas históricas nos era negada.

É fundamental a reflexão, para o nosso tema, de que essa configuração cultural remete a um novo e significativo desamparo. Se a cultura, como dizia Freud em 1930, era um parco modulador de nossa destrutividade e mantinha o *mal-estar* em um equilíbrio instável, com uma necessidade continuada de gestão do conflito indivíduo/coletivo, a partir do terço final do século XX, essa “conversação” ganha progressivamente maior dificuldade, com redução ainda mais significativa de seu papel protetor. A perda de segurança com as estruturas históricas (cito inicialmente o exemplo do crescente fracasso das instituições religiosas tradicionais, assim como o de todas as meta-narrativas), com a ausência de certezas e mesmo com a noção de verdade, vai incentivando a individualidade, os “tribalismos” sociais contemporâneos⁴ (Maffesoli, 1995), a polarização de ideias e uma alteração nas configurações de poder e de dominação. Mesmo os Estados/Nação começam a perder poder para o “mercado” e para as novas construções de verdade, diluindo a noção de controle da violência e alterando o *mal-estar na civilização* pelo aumento da insegurança e da incerteza. A nova configuração social e cultural oferece uma ainda menor proteção à destrutividade individual e coletiva, favorecendo, portanto, os recursos ao narcisismo.

A hiper-tecnologia auxiliou a alterar o equilíbrio entre prazer e realidade, favorecendo drasticamente a ilusão e adição ao mito do *prazer ilimitado* e à onipotência. A ideia de que dominamos por completo a natureza, podendo modificar tudo, desde a genética até – supostamente – os nossos sofrimentos psíquicos e físicos de qualquer ordem, começa a predominar, entrando em conflito com o *mito do progresso solidário e sustentável*. O fácil, o rápido, o barato e o prazeroso passam a ocupar a *mentalidade dominante*, associando-se à evolução do conhecimento

⁴ Maffesoli afirma que a cultura de massa se desintegrou e que, hoje, a existência social é conduzida por agrupamentos tribais fragmentados, organizados em torno dos slogans, nomes de marca e frases de efeito da cultura do *marketing*.

José Carlos Calich

que acompanha a hiper-tecnologia e que permite o afastamento de uma convicção positivista do mundo.

Destaco o ensaio reflexivo sobre a pós-modernidade e o abandono de meta-teorias por Jean-Françoise Lyotard (1979), envolvendo a relativização radical do conceito de verdade. Lyotard desenvolve a ideia de que a perda dos macro-sistemas explicativos (a perda de credibilidade das meta-narrativas, aí incluídas o Marxismo e a Psicanálise), tidos como capazes de revelar universalmente a verdade da condição humana, coloca o mundo na pós-modernidade. Esta se caracterizaria pelo surgimento de uma sociedade pós-industrial, entendida como uma gigantesca rede de jogos linguísticos na qual a informação passaria a ser a mais importante fonte de poder, dominação e força econômica.

Fredric Jameson (1992), em ensaios sobre os destinos do marxismo em seu livro *Pós-modernidade, a lógica cultural do capitalismo tardio*, desenvolve as ideias de Lyotard e introduz os conceitos de “crise de representação”, “fim da temporalidade” e “ocaso do tempo” (que, passados quase trinta anos, acredito que poderia ser chamado de “ocaso da representação”), os quais considero fundamentais para essa reflexão:

1. Se os fatos são incognoscíveis, sua interpretação é mais relevante do que eles.
2. E, se não há critérios para validar as interpretações, todas podem ser verdadeiras.
3. Portanto, vale mais aquela que convencer o interlocutor.

As reflexões de Lyotard e Jameson antecipam o conceito de pós-verdade criado também no ano de 1992 (ainda que, como forma de pensamento, ele fosse muito antigo na história da humanidade). O conceito refere-se à “distorção deliberada de uma realidade, que manipula crenças e emoções para influenciar a opinião pública e as atitudes sociais. Os demagogos são mestres da pós-verdade” (cf., Dicionário da Real Academia Espanhola, 2021, s/p, tradução livre).

Os atuais meios de comunicação social têm o predicado de reunir grupos que, em outras circunstâncias, jamais teriam a oportunidade de se encontrar. Suicidas, pedófilos, redes terroristas internacionais, automutiladores, criminosos em geral, todos os grupos interessados em poder e muitíssimos outros passaram a se proclamar e a difundir suas ideias, além de impor as “suas verdades” e contrapor-se às “verdades” que estruturaram o mundo até então. A onda de verdades de ocasião, sem fundamentos reconhecíveis, impostos pela força do convencimento, pelas novas organizações do poder, pelo favorecimento da *ilusão de prazer ilimitado* e pela nova estrutura de fragmentação “tribal”, cria o mundo da *pós-verdade*.

Se não temos como buscar a verdade, todas as hipóteses, na mentalidade

atual, são consideradas de igual valor e abrangência, com um significativo poder de confundir e destruir conceitos e estruturas. A ideia de que “essa é a minha verdade” começa a se impor, turbinada pelo poder de difusão e de convencimento praticamente ilimitado, os quais são determinados por toda a força da comunicação de massa, intensamente desenvolvida a partir da II Guerra Mundial, assim como pelas estratégias de *marketing* e pela globalização introduzida pela internet no século XXI. A partir dessa nova força, posso impor a alegada validade da assim chamada “minha verdade”, qualquer que ela seja. A opinião sobre temas complexos passa a ser “livre” e “cada um tem o direito de opinar”, independente da absorção do número de variáveis que compõem o tema e da relação entre elas. É o que tenho nominado como “pornografia da opinião” (Calich, 2003), em virtude da sua relação direta com o prazer de descarga, o seu valor excitatório, a sua desvinculação com a tessitura psíquica e, portanto, a perda da criação de significados.

Ainda que, como expus anteriormente, a interação entre mitos possa fazer com que uma parcela da população não esteja dominada por essa nova mentalidade, a tendência, influenciada pela sedução do prazer ilimitado e pela desmentida do psiquismo (ver a seguir), é a do predomínio. O fenômeno passa a valer para relações individuais, para grupos e para comunidades. Em meu entendimento, como já mencionado, o predomínio dos mitos conduz a liberações da violência individual e coletiva que vão contra o ordenamento social (e, em sua forma mais radicalizada, contra qualquer “regulador”, como se pode observar cotidianamente em qualquer jornal do mundo inteiro) e contra o aparente privilégio que vivemos em relação a outros momentos da história da humanidade. Em um mundo onde “sejamos todos feministas” (Adichie, 2014), no sentido de corrigir os abusos e as desigualdades do passado e, de forma análoga, “sejamos todos solidários”, tanto a *ilusão de prazer ilimitado* e de *poder ilimitado* quanto a *narrativa pós-verdade* conduzem homens, mulheres, crianças e adolescentes à cultura da desconsideração ao outro e ao divórcio do corporal e do si mesmo, ou seja, à cultura do narcisismo.

Nossos líderes, em diversos níveis, passaram a ser carismáticos, populistas, mentirosos e tirânicos, com a tendência, como em todo movimento baseado no prazer e na onipotência, de perpetuar o seu poder e o auto-beneficiamento. A violência da verdade carismática, a *pós-verdade*, alastra-se e tende a dominar: a ideia de que seremos imortais, não teremos mais sofrimentos ou dores, nem aqueles do crescimento e da maturação, não faremos mais esforços psíquicos para influenciar nosso destino, corpos e mentes não serão mais limitadores de nosso prazer ou que tudo dependerá de nossa vontade e de nosso poder de impô-la ao mundo. Nessa nova *mentalidade libertária*, estaremos livres de todas as nossas incompletudes. O corpo representacional é desmentido e mesmo forcluído.

José Carlos Calich

Por exemplo, as centenas de sexualidades mencionadas no livro *The routledge companion to media, sex and sexuality* (Smith, Attwood & McNair, 2017), nas quais o aspecto descritivo valida tudo. Não são sequer mencionadas as relações com o corpo ou o nível de sofrimento, exceto os de desadaptação social. Também não é mencionado o sem-número de cirurgias plásticas, que tentam negar a passagem do tempo ou a sensação de incompletude. Além do corpo, o psiquismo também é desmentido ou forçuído.

Não se deseja mais a existência de tempos psíquicos, elaboração, dor psíquica, intimidade com o objeto. O mundo criado por essa mentalidade é o da *pseudointimidade* (Calich, 2017), condição na qual o pequeno ser humano, por incapacidade de interagir com o objeto externo, e, na sequência o adulto, não serão verdadeiramente capazes de construir seu objeto interno integrador e confiável, desenvolver seu mundo interno e seus sentimentos mais pessoais e profundos, com contradições e fragilidades, mas ainda necessitam do objeto. Buscam, então, o objeto, mas encontram um objeto não confiável projetado, que invade, submete, falha, usa o outro como fonte de satisfação narcísica, promove um excesso de presença/ausência, etc. Nesse contexto, ao invés de uma relação íntima com o objeto, terá apenas as semelhanças fenomenológicas com a intimidade, um simulacro da intimidade: proximidade, segredo, sexualidade, sem o cuidado respeitoso com seus aspectos mais profundos. Essas relações pseudoíntimas também serão de invasão, domínio, submissão, fusão, abandono e todas as outras distorções promovidas pela deformação da criação do objeto interno.

Como toda estrutura simbólica do mito, a linguagem e o discurso são modificados para expressá-lo. Nesse momento, é de nosso interesse particular as formas de linguagem adotadas para narrar o sofrimento psíquico sem sentido (por exemplo, o discurso psiquiátrico usado nas relações atuais). Além disso, há uma mudança na relação do sujeito com a própria fala. Os discursos muitas vezes não são tomados como algo inspirador que abre uma reflexão. Eles tendem a refletir o discurso único, favorecendo as radicalizações. Muitos pacientes não têm perguntas sobre si mesmos, mas respostas adaptadas ao discurso e às categorias sociais atuais sem curiosidade genuína. Sem consciência, a busca pela liberdade absoluta coloca as pessoas em uma relação inversa, de intensa submissão, incluindo a prática e o pensamento psicanalítico atuais.

Um novo *mal-estar da cultura* inclui a tensão entre o quanto o indivíduo, com sua hiperindividualidade, deve renunciar para integrar-se ao mundo, assim como o quanto a sociedade deve conceder às particularidades e idiossincrasias de cada hiperindividualidade sem desintegrar-se em um caldo de violência e desordem.

Um mundo de pactos narcísicos, conluios sociais, popularidade midiática, de um “Eu-sem-Eu” e de uma “ética-sem-ética”.

Com a estrutura “tribal contemporânea”, a ilusão de prazer ilimitado e a lógica da dominação deslocada e diluída, atribuída ao indivíduo e a grupos fragmentados, cria-se um número crescente de categorias de exclusão. O nível de intolerância e preconceito entre grupos aumenta, assim como a violência entre eles. Porém, na mesma lógica recém descrita, o mito-simbólico surgido a partir da oposição incluídos/excluídos cria também o “fetiche de prestígio”⁵ e o “discurso do escorraçado”. Os primeiros naturalizam a exclusão, a humilhação e o maltrato (por exemplo, o fenômeno do “cancelamento” nos grupos e redes sociais, profissionais e mesmo familiares), ao passo que o segundo reúne-se em legiões de ressentidos e injustiçados porque se sentem privados (muitas vezes realmente são) de uma ilusória completude atribuída ao grupo ao qual desejam pertencer. Estes grupos tendem, no presente, a naturalizar indiscriminadamente todas as relações, sobretudo aquelas que estão embebidas de desigualdades e de desconexões sociais. Como todo ressentido e injustiçado, eles utilizam a narrativa de que o mundo lhes deve e têm o “direito” de exigir uma reparação, ainda que de maneiras cada vez mais violentas, aumentando o “caldo” da destrutividade.

Além disso, nessas novas estruturas narcísicas de dominação e seus discursos totalizantes há uma tendência a politizar todas as formas de relação humana, e, por outro lado, a tendência a naturalizar as que estão albergadas em seus discursos, demonizando aquelas que fogem deles. Mesmo em argumentos a favor da pluralidade e à diversidade, as narrativas tendem a ser *unicistas* e excludentes.

A população submetida a um *excesso de informação* pela sobrecarga dos meios de comunicação e redes sociais, pelo fenômeno da pós-verdade e pela exposição à complexidade tem dificuldades de possuir referências, inclusive referências identitárias capazes de manter um nível razoável de segurança, apoio de estruturas históricas e noção de continuidade, a qual passa a ser mais uma função da repetição do que a construção de uma temporalidade psíquica com expectativa de futuro.

Com o entrecruzamento dos mitos acima descritos, temos um “mais novo mal-estar na civilização”. Se na modernidade os diferentes mito-simbólicos possibilitaram novas formas de subjetivação – em seu estado “tardio”, como alguns preferem denominá-lo –, na pós-modernidade, a tendência e o risco é o da “des-subjetivação”. Na literatura psicanalítica, temos muitos trabalhos sobre *a clínica do vazio*, e são cada vez mais identificados os estados de pobreza e insuficiência de simbolização. Um *pseudoinconsciente do mito-simbólico* que alberga a desmentida

⁵ Tomando emprestado a expressão de Norbert Elias (1969).

José Carlos Calich

do psiquismo (incluindo o próprio narcisismo) auxilia a não construção de cadeias de significado da experiência emocional singular no coletivo da sociedade. Se os dois *mal-estares* identificados por Freud falavam na repressão da pulsão sexual e na escassa atenuação da pulsão de morte, o *mais novo mal-estar* inclui uma negatificação da pulsão de vida (ligada) com um favorecimento e liberação da pulsão de morte (desligada), assim como uma acentuação do desamparo, que se torna progressivamente mais sintomático.

Se já havia sido identificada uma perda das metanarrativas que auxiliavam a manter a ilusão de estabilidade, a falta de *referências interpretativas* para os fenômenos complexos (aí incluídos a política, as ideologias, a economia, a ciência, o psiquismo e a própria nova estrutura social tribal), adicionada à desorganização crescente da estrutura societária, introduz na estrutura do mito-simbólico corrente um elemento promotor da negatificação da curiosidade, com mais um elemento para o “mais novo mal-estar na civilização”, a negatificação da pulsão epistemofílica. A vida *sem-sentido* é acrescentada, juntamente ao temor ao *sem-sentido*.

A regressão e o recurso ao narcisismo e suas defesas são os caminhos comumente encontrados para tentar solucionar essas novas angústias. Com isto, o medo do outro, da alteridade, da diferença, é acentuado. Não mais do outro potencialmente agressor, mas qualquer outro. O recurso à superfície do objeto pode ser encontrado em um sem-número de expressões da sociedade atual: *A sociedade do espetáculo* (Debord, 1987) e *A civilização do espetáculo* (Vargas Llosa, 2012) trazem consigo a banalização, a superficialidade, a substituição de vínculos por pactos sociais, assim como o triunfo do sensacionalismo, da sedução, da frivolidade e da cultura do desrespeito, para citar alguns.

Concluo introduzindo outro elemento ao *mais novo mal-estar*, mais um desequilíbrio pulsional. A palidez do componente sexual da pulsão libera, no mundo do narcisismo, o componente da dominação, a *pulsão de dominação*. Além disso, o excesso de sensações, de estímulos sensoriais ou motores sobrecarrega o registro da dominação, forçando um investimento em dominação do mundo externo sem que se consiga conquistar um objeto adequado pela falta de investimento sexual (ligante). A exigência com o outro (e, com os outros, a Cultura) também é a do reestabelecimento do sistema de representações e a coerência desfeita do seu psiquismo. Ocorre uma espécie de escalada dos investimentos em dominação, que partem, cada vez mais ativa e violentamente, em busca de um acoçamento em direção ao objeto que se recusa ou com o qual o sujeito não consegue elaborar uma satisfação. Estes elementos tornam-se fundamentais na compreensão da criação das multidões de ressentidos da atualidade (Denis, 2007).

Podemos então notar o surgimento daquilo que Jean Gillibert (1982) chama de loucura de dominação, que leva o sujeito a redobrar os investimentos motores e sensoriais cada vez mais, até o ponto de um eventual ataque ao objeto para possuí-lo, mesmo que disso resulte sua própria destruição e a do objeto. (p. 224)

A única força capaz de se contrapor à preponderância da pulsão de dominação é a recuperação ou a primeira instalação do investimento sexual com poder de ligação. É nosso dever como psicanalistas e, a meu ver, a nossa maior contribuição possível à sociedade contemporânea, trazer o tema à discussão e auxiliar reflexivamente na árdua busca de soluções. □

Abstract

The architecture of the domination

Freud, in *Civilization and its discontents*, identified the suffering of the individual for being inserted in a civilizing process that inhibited and limited his drive expression. *The turn* of 1920 introduced the theme of helplessness, the centrality of masochism and the death drive, leading it to add the protective role of civilization in relation to the human being's destructiveness to himself and to others, changing the notion of malaise. Post-Freudian developments were adding new elements, expanding the possibilities of understanding the subject's relationship with culture and the sufferings that result from it. The changes resulting from the sociocultural organization that emerged with modernity, especially new modes of subjectivation and the totalizing *marketing* strategies and *desire-creating*, and with post-modernity, from a *culture of narcissism* and an *alienating language*, introduced components unexpected to the malaise. The objective of the present paper is to comment on this evolution of the malaise, introducing the idea of a resource to the domination drive as a narcissistic survival strategy in the referred context.

Keywords: Civilization and its discontents; Laplanche; Pseudo-unconscious of the symbolic myth; Subjectivation; Helplessness

José Carlos Calich

Resumen

La arquitectura de la dominación

Freud, en *El malestar en la cultura*, identificó el sufrimiento del individuo por estar insertado en un proceso civilizador que inhibía y limitaba su expresión pulsional. El *cambio* de 1920 introdujo el tema del desamparo, la centralidad del masoquismo y la pulsión de muerte, lo que lo llevó a agregar el papel protector de la civilización en relación con la destructividad del ser humano para sí mismo y para los demás, alterando la noción del malestar. Los desarrollos posfreudianos fueron agregando nuevos elementos, ampliando las posibilidades de comprensión de la relación del sujeto con la cultura y los sufrimientos que de ella se derivan. Los cambios resultantes de la organización sociocultural que surgió con la modernidad, especialmente los nuevos modos de subjetivación y las estrategias de *marketing* totalizante y *creador de deseos*, y con la posmodernidad, a partir de una *cultura del narcisismo* y un *lenguaje alienante*, introdujeron componentes inesperados al malestar. El objetivo del presente trabajo es comentar esta evolución del malestar, introduciendo la idea de un recurso a la pulsión de dominación como estrategia narcísica de supervivencia en el contexto referido.

Palabras clave: Malestar en la cultura; Laplanche; Pseudoinconsciente de lo mito-simbólico; Subjetivación; Desamparo

Referências

- Adichie, C.N. (2014). *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Birman, J. (2005). O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 15(Suplemento), 203-224.
- Calich, J.C. (2003). As assim chamadas patologias atuais. Trabalho apresentado à *Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre* (SPPA). Novembro, 2003.
- Calich, J.C. (2017). How do we understand intimacy from an intrapsychic model. Painel apresentado no *50th International Psychoanalytical Association Congress*(IPAC). Julho, 2017. Hilton Hotel, Buenos Aires.
- Calich, J.C. (2019). A atividade tradutiva na Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche. Trabalho apresentado à *Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre* (SPPA). Março, 2019. Publicado originalmente na Revista *Percurso*, 58(1), edição on-line, 2017.
- Canestri, J. (2004). O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11(2), 331-378. Recuperado de <http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/653/660>

- Debord, G. (1987). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- Denis, P. (2007). O poder da pulsão. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 14(2), 217-229.
- Elias, N. (1969). *A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Freud, S. (1976). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Gleick, J. (1987). *Caos – a criação de uma nova ciência*. São Paulo: Campus, 1989.
- Hobbes, T. (2020). *Leviatã. Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico civil*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1651)
- Jameson, F. (1992). *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 10(3), 403-418
- Laplanche, J. (2006). Réponse à José Carlos Calich. *Psychiatrie française*, 37(3), « Le concept d’inconscient selon Jean Laplanche », p. 34-44.
- Maffesoli, M. (1995). *The time of the tribes: The Decline of Individualism in Mass Society*. London: SAGE Publications.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas*. São Paulo: UNESP, 1996.
- Smith, C., Attwood, F., McNair, B. (2017). *The Routledge companion to media, sex and sexuality*. London: Taylor and Francis.
- Spencer, H. (1876). *The principles of sociology*. Gloucester: HardPress. 2018.
- Vargas Llosa, M. (2012). *A civilização do espetáculo*. São Paulo: Objetiva, 2013.

Recebido em 30/07/2021

Aceito em 01/10/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

José Carlos Calich
Rua 24 de Outubro, 838/603
90510-000 – Porto Alegre, RS – Brasil
jccalich@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA